

BRASIL, PROUST ETC.

Rubem Braga

FAZ um ano o governo Costa e Silva; um ano de boas palavras e boas intenções e pouco mais. A pior coisa desse governo é estar o seu Chefe contente com ele. O Brasil está esperando que alguém dê a partida, dê o arranco — e o Chefe continua a sorrir e dizer coisas promissoras, enquanto a sua mão move a alavanca de comando para um lado e outro — dentro dos limites do ponto morto. Continuamos em crescimento vegetativo, em um mundo de progressões geométricas: caminhando suavemente, vamos ficando cada vez mais vertiginosamente para trás. Como diz o caboclo, estamos crescendo como rabo de cavalo, para trás e para baixo...

Quem também fez anos (70) foi o bom escritor e médico, e homem bom, Peregrino Júnior; e também (50), o preclaro embaixador Mário Gibson, uma das melhores figuras do melhor time do Itamarati.

Falar nisso, o destino me fez ouvir outro dia, em silêncio, uma discussão de dois jovens terceiros secretários mal egressos do Instituto Rio Branco; os dois moços brasileiros falavam de Proust. Deus sabe que nada tenho contra Proust, e não acho censurável, e sim estimável, que se discuta Proust. O que me desgostou foi o tom em que os dois conversavam, os detalhes em que se compraziam, a devoção com que examinavam o esnobismo daqueles salões antigos — sentia-se que ambos viviam um pouco naquele ambiente, e nisso se aplicavam. Meu Deus, não se trata de interditar nenhum autor, nem de sacar do revólver, quando se ouve falar de cultura, mas senti uma vontade grosseira de perguntar a um deles como é que se fabrica farinha de mandioca, quantos metros quadrados tem um alqueire paulista, qualquer coisa assim, bem simples e brasileira — e me perguntei se não falta no Instituto Rio Branco uma cadeira, digamos, de Lição de Coisas da Terra, outra de Urgências do Brasil. Estou sendo provavelmente injusto, não conheço o currículo do Instituto, mas devia haver um jeito de dar um pouco mais de vivência do Brasil a um jovem, antes de mandá-lo correr mundo, dar algum jeito de ele saber um pouco menos de Proust e um pouco mais de Sergipe ou de Santa Catarina...

Desculpem os moços, são rabujices de um velho senhor oriundo do interior.

DN - 20.3.68